

## OBJETIVOS

Pensar a questão da ampliação dos limites da clínica psicanalítica mantendo aberto o diálogo entre as grandes correntes. Apesar de alguns desenvolvimentos inconciliáveis entre as várias clínicas psicanalíticas, discernir e distinguir as diferenças não deve nos impedir da responsável apropriação em relação aos diferentes enfoques. O compromisso maior do psicanalista, com seu paciente e com o desenvolvimento da psicanálise, em meio as dificuldades do mundo em que vivemos, nos pede que possamos olhar para além dos muros das Escolas sem, contudo, apagar as suas fronteiras.

## METODOLOGIA

Leitura e discussão de textos sobre o tema.

## BIBLIOGRAFIA

Garcia, Claudia e Cardoso, Marta Rezende. Limites da Clínica. Clínica dos Limites.

Kernberg, Otto F. Desordenes Fronterizos Y Narcisismo Patologico.

Mahler, Margaret. O nascimento psicológico da criança.

Mahler, Margaret. O Processo de Separação-Individuação.

Green, André. Sobre a Loucura pessoal.

Roussillon, R. Paradoxos e Situações limites da psicanálise.

Figueiredo, Luis Claudio. As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea.

## COORDENAÇÃO:

**Tereza Mendonça Estarque**

Psicóloga CRP 05/3488

Psicanalista

Coordenadora do IEC

Membro Efetivo do CPRJ

Doutorado em Sociologia pela PUCSP

Pós Doutorado em Filosofia Política pelo IUPERJ

## INSCRIÇÕES:

Pelo site [www.iecomplex.com.br/eventos](http://www.iecomplex.com.br/eventos)

## INFORMAÇÕES:

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA COMPLEXIDADE**

Rua Miguel Lemos, N. 44 Sala 204

Copacabana – Rio de Janeiro – RJ

CEP 22071-000

Telefone: 21 – 2543-6064

[www.iecomplex.com.br](http://www.iecomplex.com.br)

Email: [cursos@iecomplex.com.br](mailto:cursos@iecomplex.com.br)



# O QUE PODE UM PSICANALISTA?



# POR UMA PSICANÁLISE SEM ESCOLAS

RIO DE JANEIRO – 2013

## APRESENTAÇÃO

### O que pode um analista?

#### Por uma Psicanálise sem Escolas

Em 1971, Ivan Illich escreveu seu visionário livro “Sociedade sem Escolas”, enfática crítica à institucionalização da educação nas sociedades contemporâneas. Passados mais de 40 anos, o pensamento de I. Illich preserva seu frescor e sua previsão tornou-se uma realidade ou, pelo menos, uma forte tendência.

Por outro lado, se o vaticínio de Hélène Trocme Fabre nos assegura que “nascemos para aprender”, podemos dizer que, nos dias de hoje, a aquisição-produção do conhecimento está fortemente correlacionada à curiosidade humana e à sua capacidade de conectar-se em rede para trocar informações. Da mesma forma, cada vez mais, os diferentes campos do conhecimentos aparecem interligados: impossível, desde Edgar Morin e outros pensadores da Complexidade, abordarmos a questão do conhecimento da maneira fragmentada como foi praticada na modernidade.

O que a psicanálise tem a ver com isto?

Os desafios postos pela clínica contemporânea requerem uma mudança paradigmática. Costuma-se dizer que a complexificação crescente dos modos de organização social e a capacidade humana de subjetivar criativamente, implicam a aparição de patologias psíquicas, até então, pouco comuns. Será? O que mudou na oficina da clínica psicanalítica?

Podemos dizer que assistimos à um recrudescimento dos casos ditos “limites”, resultantes das vertiginosas mudanças sociais? Ou a ampliação do repertório teórico clínico teria permitido o acesso ao tratamento psicanalítico, para um grande número de pacientes

refratários ao método da psicanálise clássica, inaugurada por Freud?

Na visão de alguns autores contemporâneos, como é o caso de André Green, a mudança que hoje se percebe é a de uma mudança dentro do analista. Trata-se de uma ampliação dos limites da analisabilidade à partir de mudanças teórico-clínicas que testam os limites do analista, na medida em que invocam sua contra-transferência estrito senso e exigem dele uma contribuição pessoal maior. *“O que se exige do analista é mais do que sua capacidade afetiva e empatia. São suas funções mentais que se exigem, pois as estruturas de significado do paciente foram colocadas fora de ação. É aqui que a contra-transferência recebe seu significado mais extensivo. A técnica da análise das neuroses é dedutiva, enquanto o analisar-se estados fronteiros é indutivo; daí sua arriscada natureza”* (André Green, *Sobre a Loucura Pessoal*).

Apesar da contundente crítica posta pelo ensino de Lacan à questão da contra-transferência, problematizada à luz do desejo do analista, o imperativo da clínica contemporânea e seus desafios não nos permitem negligenciar as ferramentas conceituais legadas pelos demais analistas que, assim como ele, empenharam-se para manter viva a eficácia da psicanálise como prática política e instrumento para minorar o sofrimento psíquico. Não nos permite, igualmente, recusar o auxílio de outros profissionais cujas terapêuticas incidem sobre este corpo que dói, que escapa ao sujeito e que, muitas vezes, necessita dos contornos esculpidos pelas mãos destes artífices.

Diante das exigências postas ao trabalho clínico, à partir da ampliação da técnica, cabe a pergunta: “o que pode um analista?” Uma clínica que põe

em jogo a possibilidade da regressão à dependência, que coloca o analista em posição de responder, por vezes, a partir de seu próprio imaginário ou, na melhor das hipóteses, de um lugar de transição que se constitui entre a dupla, implica elevado grau de risco. Todo cuidado e atenção são necessários, para que o processo possa ser sustentado ao invés de tragado por uma armadilha. Cabe pensar que as pesadas exigências da vida contemporânea alcançam o fazer clínico, não apenas aportando aí, os limites, mas testando, igualmente, os limites do analista.

Conciliar esta aventura com a metapsicologia freudiana tem sido uma tarefa para os analistas contemporâneos que preservam sua filiação à Freud, na expectativa de servir-se dele para, se preciso, ir além dele.

Tereza Estarque

## SOBRE O GRUPO DE ESTUDOS

**Período de Inscrição:** Em Aberto

**Período de realização:** de 07/03 a 25/07/2013.

**Encontros:** Das 10:30 às 11:30h, quintas-feiras.

**Dias dos encontros:** 07, 14, 21 e 28/03; 04, 11, 18, 25/04; 02, 09, 16, 23 e 30/05; 06, 13, 20 e 27/06; 04, 11, 18 e 25/07/2013.

**Público-alvo:** Membros do IEC.